

## CUIDADO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM FRENTE AO MANEJO DA DOR EM NEONATOLOGIA NURSING TEAM PRACTICES IN NEONATAL PAIN MANAGEMENT

Daniela Amanda Pereira Silva de Moura<sup>1</sup>, João Vitor de Oliveira Nunes<sup>1</sup>, Márcia Féldreman  
Nunes Gonzaga<sup>2</sup>, Clayton Gonçalves de Almeida<sup>3</sup>.

**Resumo:** Trata-se de um artigo de tema principal sobre a assistência da equipe de enfermagem frente ao manejo da dor no neonato, com **abordagem metodológica** de revisão de escopo. O objetivo geral é identificar as práticas assistenciais da equipe de enfermagem em relação à dor do recém-nascido, buscando entender de que maneira a equipe identifica e mensura essa dor (como o uso da escala NIPS e a observação de sinais fisiológicos e comportamentais) e descrever as principais intervenções não farmacológicas empregadas no seu alívio. **Discussão:** Ainda discorre sobre as divergências na aplicação das escalas e a ausência de protocolos padronizados em algumas instituições, além de ressaltar a eficácia de medidas como a sucção não nutritiva e o uso de glicose a 25%, evidenciando a necessidade de educação continuada da equipe para garantir uma assistência de qualidade e evitar efeitos negativos da dor no desenvolvimento do recém-nascido. **Descritores:** Enfermagem, UTIN, neonatal, dor.

### Abstract

This scoping review analyzes nursing team practices and assessment levels regarding neonatal pain management. The aim is to explore how nursing staff identify and measure pain—specifically through the Neonatal Infant Pain Scale (NIPS) and the observation of physiological and behavioral indicators—while describing key non-pharmacological interventions used for pain relief. Findings highlight significant discrepancies in scale application and a critical lack of standardized institutional protocols. Additionally, the efficacy of non-pharmacological measures, such as non-nutritive sucking and 25% oral glucose, is emphasized, underscoring the urgent need for ongoing staff education to ensure quality care and mitigate the adverse impacts of unmanaged pain on neonatal development.

**Descriptors:** Nursing, NICU, Neonatal, Pain.

1. Bacharel em Enfermagem da Universidade de Sorocaba
2. Dra Docente do Curso de Enfermagem da Universidade de Sorocaba
3. Me Docente/ Coordenador da Universidade de Sorocaba

## Introdução

O período neonatal corresponde aos 28 primeiros dias de vida do recém-nascido, sendo composta uma fase de adaptação a vida extrauterina, conforme definido pela Portaria nº 930 do Ministério da Saúde (2012). Para o neonato que necessita de cuidados mais completos e monitoramento constante, a Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) se trata de um ambiente ideal. Possuindo equipamentos para fornecer o suporte vital, além do essencial para garantir a sobrevivência do recém-nascido (PRAZERES *et al.*, 2021).

São diversos os fatores que geram estresse presentes em uma UTIN, dentre eles: o ambiente no qual os recém-nascidos (RN) estão sujeitos a constante iluminação, ruídos excessivos, a repetição de procedimentos invasivos, ligação contínua aos equipamentos de suporte de vida e monitores, como também movimentação constante pelas intervenções frequentes da equipe multiprofissional (BASSANI *et al.*, 2023).

A definição atual da Associação Internacional para o Estudo da Dor (IASP) descreve a dor como uma experiência que envolve tanto os sentidos quanto as emoções, e que é sempre desagradável. Essa sensação está diretamente associada a algum tipo de lesão, seja ela real ou apenas uma ameaça, e é frequentemente comunicada com base nesse dano. (SRINIVASA *et al.*, 2020). Complementando essa definição Souza *et al.*, (2024) estabelece que a dor se faz presente nas manipulações, na patologia e em toda a carga emocional que pode estar associada com a hospitalização, sendo que, quando não aliviada, pode ser um obstáculo para atingir os Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) impostos pela Organização das Nações Unidas.

Estudos atuais confirmam que os recém-nascidos (RN) podem sentir estímulo à dor, pois os componentes fisiológicos relacionados à dor são desenvolvidos durante o período fetal (VALETE *et al.*, 2024). Os RN já possuem todos os componentes anatômico e neuroquímicos funcionais necessários para a recepção e transmissão do estímulo doloroso, já que os neurônios estão desenvolvidos desde a 7ª semana da gestação e seus receptores relacionados à pele por volta da 20ª semana (MOURA *et al.*, 2021).

Para um cuidado de qualidade, a equipe de enfermagem precisa ter um conhecimento aprofundado sobre o manejo da dor em recém-nascidos. É essencial que enfermeiros e técnicos sejam capazes de fazer

uma avaliação detalhada do bebê, conhecendo formas para a avaliação da dor do neonato na UTIN, já que eles são incapazes de comunicar a dor verbalmente (VARGAS, 2022).

Uma ferramenta importante para avaliação da dor, são o uso de escalas e no cenário neonatal a escala NIPS (Neonatal Infant Pain Scale) é a principal utilizada. Ela tem como objetivo, identificar os aspectos comportamentais e fisiológicos do recém-nascido (RN) tanto a termo, como prematuro, com o foco de indicar a presença de dor (SOUZA *et al.*, 2021).

A dor em recém-nascidos também pode ser identificada por meio de sinais como: expressão facial, choro intenso, agitação motora e irritação. Além disso, profissionais de saúde observam parâmetros fisiológicos como o aumento da febre, frequência cardíaca, alterações no padrão respiratório e na pressão arterial (FRAZÃO *et al.*, 2023).

Para controlar a dor em recém-nascidos na UTIN, pode-se usar medicação ou técnicas alternativas não invasivas, que prezam a segurança e o conforto do neonato. Os métodos não farmacológicos são os que oferecem a maior variedade de opções. (SILVA *et al.*, 2024).

O tratamento não farmacológico pode ser definido como terapias ou intervenções que não envolvem diretamente o uso de medicamentos e que buscam otimizar as complexas necessidades de saúde de um indivíduo ou melhor seu estado de saúde (COURTNEY *et al.*, 2022).

As medidas empregues com mais frequência são a sucção não nutritiva, oferta de soluções adocicadas, contato pele a pele, método canguru, amamentação, enrolamento do neonato (NEPOMUCENO *et al.*, 2022).

O presente estudo identifica as práticas de cuidado da equipe de enfermagem relacionados ao manejo da dor em neonatos.

**Discussão:** A seguir discutiremos a avaliação da dor em recém-nascidos na UTI neonatal com base em dez estudos. Serão abordadas as diferentes formas de avaliação, incluindo o uso da escala NIPS e de sinais fisiológicos. A discussão também tratará das intervenções não farmacológicas mais empregadas, como a sucção não nutritiva e a glicose.

### **Avaliação da dor do recém-nascido na Uti neonatal**

Nos dez estudos pode-se observar, maneiras distintas na avaliação da dor do recém-nascido na UTI.

O uso da escala NIPS (Neonatal Infant Pain Scale) é abordado nos estudos E2, E3, E6, E9 e E10, porém com divergências quanto a sua aplicação. No E2 os profissionais relataram utilizar a escala apenas quando percebem primeiramente outros sinais que remetem a dor, como choro e expressão facial, já no E3 52,5% da equipe declara utilizar nos momentos pré-determinados de acordo com a protocolo, entretanto 17,5% aplicam apenas durante a rotina de verificação dos SSVV, 7,5% apenas quando observam dor, 2,5% durante procedimento doloroso, 2,5% não utiliza todos os dias e 15% afirmaram não utilizar a escala, como justificativa para não realização da escala, os profissionais relataram que a localização na evolução de enfermagem é limitado o acesso apenas para enfermeiros, com relação ao registro somente 27,5% registra todas as vezes que utilizam a escala, 32,5% registra frequentemente, 17,5% nunca registra. No E6 88,8% dos entrevistados afirmaram fazer uso de escalas sendo 79,6 % a escala NIPS, onde 64,8% afirma aplicar pelo menos 3 vezes ao dia, no entanto no E9 apesar da escala NIPS fazer parte do protocolo da instituição apenas os enfermeiros declararam aplicá-la diariamente, já entre os técnicos apenas dois fazem o uso e o restante (oito) informaram não utilizar pois é uma tarefa realizada pelos enfermeiros, no E10 apenas a equipe de enfermagem apresentou 100% de utilização da escala, sendo os profissionais da enfermagem maioria no registro de intervenções de manejo da dor, como escore, intervenções no seu alívio e avaliação antes e depois de um procedimento doloroso.

Os estudos E1, E4, E5, E7 e E8, utilizaram sinais e alterações fisiológicas dos neonatos para avaliação, tais como: choro, expressões faciais, alterações na frequência respiratória, frequência cardíaca e saturação. No E1 não há protocolo estabelecido, mas se faz a recomendação do uso de escala NIPS, no entanto nenhum profissional a utiliza e 70,6% dizem desconhecer qualquer escala para a avaliação de dor, apenas 13,7% dos neonatos tiveram a dor documentada e destes somente 2% foram reavaliados após dor documentada. No E4 é citado que o uso da escala NIPS está em processo de implementação, porém a equipe de enfermagem não está familiarizada com ela e não a utiliza regularmente, no E7 os profissionais relataram conhecer a escala NIPS porém não sentem possuir capacitação para aplicá-la e no E8 foi enfatizada pela equipe a dificuldade da em avaliar a dor neonatal, relatando o desconhecimento das escalas e a ausência de um protocolo na instituição.

### **Intervenções não farmacológicas no alívio da dor**

Dos 10 estudos selecionados, duas intervenções não farmacológicas são empregues mais frequentemente: a sucção não nutritiva citada como principal nos estudos E2, E3, E5, E7, E8, E9 e E10, seguida pela glicose a 25% nos estudos E3, E4, E5, E6, E8 e E9. O enrolamento do neonato está em terceiro lugar sendo citado como medida constante nos estudos E2, E6 e E7, também são destacados o contato pele a pele (E2 e E10), e o estímulo à amamentação e o método canguru (E1).

No E1 os enfermeiros apresentaram a maior taxa de prescrição de intervenções não farmacológicas para alívio da dor (34,4%), porém 11,8 % relatou não registrar o manejo da dor em prontuário e 8% não acreditavam que neonatos sentem dor, enquanto no E2 a equipe de enfermagem demonstrou valorização do manejo não farmacológico declarando perceber o neonato mais calmo após a realização das técnicas, no E3 há grande utilização das medidas não farmacológicas, porém 1 participante relatou não realizar nenhuma, já no E4 e E5 os participantes destacaram a importância o uso dos métodos na rotina da UTI principalmente na realização de procedimentos dolorosos. No E6 79,6 % afirmaram realizar o registro em prontuário das medidas não farmacológicas aplicadas, no E7 100% dos entrevistados declaram reconhecer que neonatos sentem dor e utilizar métodos não farmacológicos para o seu alívio. No E8 os profissionais apresentaram conhecimento superficial dos métodos não farmacológicos e dificuldade na posição correta do neonato para a sua aplicação, no E9 o uso das intervenções é entendido pela equipe como atenuante no desconforto da realização de procedimentos e estresse do neonato no ambiente da UTI, no E10 97,3% declaram usar medidas não farmacológicas para o alívio da dor inclusive em procedimentos dolorosos. Com relação aos procedimentos dolorosos que permitem a administração de medidas não farmacológicas, os mais citados foram: punção venosa, gasometria, picc, sondagem, teste do pezinho, curativos, aspiração e vacinação.

## **Conclusão**

Os estudos mostram que apesar da dor ser um fator importante a ser tratado, no âmbito da UTI neonatal há algumas instituições que apresentam ausência de protocolos específicos quanto a sua identificação e manejo.

Como consequência, seus profissionais de enfermagem não estão atualizados e/ou familiarizados com a melhor maneira de reconhecer a dor no neonato, utilizando de sinais subjetivos que podem levar a uma análise errada, pois estes nem sempre estão relacionados à dor, além disso quando tais sinais estão sim relacionados a dor, é um indicativo de que o recém-nascido já está em estado de stress avançado podendo impactar diretamente no seu estado clínico.

Com relação às instituições que possuem protocolo a escala mais utilizada foi a NIPS (Neonatal Infant Pain Scale), porém mesmo nestas instituições a adesão dos protocolos não se mostrou cem por cento estabelecida, havendo falhas de aplicações nos momentos preconizados, e profissionais que afirmaram não aplica lá em momento nenhum.

A respeito das intervenções não farmacológicas, todos aos estudos apresentaram sua utilização, tais como: sucção não nutritiva, glicose a 25%, enrolamento do neonato, contato pele a pele, estímulo à amamentação e o método canguru, em sua maioria os profissionais de enfermagem valorizam altamente a prática, destacando a importância no alívio do sofrimento neonatal com ênfase na execução de procedimentos dolorosos, porém ainda há uma parcela que apresenta dificuldade em sua aplicação.

Foi identificada também a ausência de registros do manejo da dor por parte das equipes de enfermagem.

Com isso, podemos concluir que cabe à educação continuada, implementar de forma periódica, protocolos direcionados ao manejo da dor no campo neonatal. Treinando os profissionais, para o uso de escalas de avaliação de dor, estabelecendo a importância de sua aplicação nos momentos preconizados, realizando treinamentos para melhoria da execução de intervenções não farmacológicas, elucidando possíveis dúvidas que a equipe possa ter e enfatizando a importância do registro com relação ao manejo da dor do neonato.

Dessa maneira, garantimos profissionais capacitados, que compreendam a importância da padronização das práticas que resultam na melhoria do cuidado prestado, evitando que a dor, elemento crucial no tratamento do paciente seja negligenciado, buscando assim oferecer sempre a melhor assistência possível.

### Referências Bibliográficas

ARAÚJO, B.S.; ARAÚJO, B.B.M; ARAÚJO, M.C.; PACHECO, S.T.A.; REIS, A.T.; MARTA, C.B. Práticas de avaliação e manejo da dor na unidade neonatal. **Revista Cuidado É Fundamental**, 2021 jan/dez; 13:531-537. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v13.9287> Disponível em: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/9287> Acesso em: 23/08/2025.

BONATO, L.C.; DEZORDI, C.C.M.; REBELATO, C.T.C. Perceptions of the Neonatal Intensive Care Unit team and the nursery about newborn pain. **Brazilian Journal Of Pain**. 2024;7:e20240001. DOI: <https://doi.org/10.5935/2595-0118.20240001-en> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/brjp/a/jrxRX4QPp6jDvvLvBFqddy/?lang=pt> Acesso em: 23/08/2025.

CARVALHO, S.S.; SOARES, J.A.; PINHEIRO, J.A.; QUEIROZ, M.S. Percepção da equipe de enfermagem acerca da avaliação da dor em recém-nascidos prematuros. **Revista Enfermagem e Atenção à Saúde**, 2021, 10(2):e202117. DOI: <https://doi.org/10.18554/reas.v10i2.4281> Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1349114> Acesso em: 23/08/2025.

DAYANA M.M; TALITA P. B.S. Conhecimento da equipe de enfermagem de unidade de terapia intensiva neonatal sobre a dor do recém-nascido. **Brazilian Journal Of Pain**. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5935/2595-0118.20210027> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/brjp/a/D6vBFMjnF9mFd35LPVznDHZ/?lang=pt&format=html> Acesso em: 22/08/2025.

LOPES, M.R.; MACHADO, S.P.; NASCIMENTO, T.L.; FERREIRA, A.G. Manejo da dor em neonatos: conhecimento da equipe de enfermagem sobre terapêutica implementada na UTIN. **Enferm Foco**. 2024;15:e-2024138. DOI: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2024.v15.e-2024138> Disponível em: <https://enfermfoco.org/article/manejo-da-dor-em-neonatos-conhecimento-da-equipe-de-enfermagem-sobre-terapeutica-implementada-na-utin> Acesso em: 24/08/2025.

MEREDYK, M.R.; COSTA, R.; JUNGES, C.F.; VENTURA, T.; SANTOS, M.R.L.; PEREIRA, M.T.C.; MENDONÇA, L.A.; VELHO, M.B.. Conhecimento, atitude e prática da equipe multiprofissional no manejo da dor em unidade neonatal. **Texto & Contexto - Enfermagem**, 33, e20240056. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2024-0056en> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/ykS5Xd8sMTQDLFWJK8JDwTk/?lang=pt> Acesso em: 26/08/2025.

OLIVEIRA, C.R; SANTOS, J.M.J.; GUARDA, L.E.A.; BARBIERRATO, B.J.; DARE, M.F.; LEONELLO, D.C.B.; FURTADO, M.C.C.; LEITE, A.M. Manejo da dor neonatal em uma maternidade de risco habitual: perspectivas de profissionais líderes da equipe de saúde. **REME – Rev Min Enferm**. 2020; 24:e-1289. DOI: 10.5935/1415-2762.20200018 Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1053368> Acesso em: 23/08/2025.

RAFAEL, A.C.; FIGUEIREDO, T.; CORRÊA, A.P.; PAES, L.. Percepção da equipe de enfermagem no manejo da dor no recém-nascido. **Revista CuidArte Enfermagem**. 2023 jan-jun.; 17(1):39-45. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/enfermeria/resource/pt/biblio-1512013> Acesso em: 23/08/2025.

RAJA, S.; CARR, D.; COHEN, M.; FINNERUP, N. B.; FLOR, H.; GIBSON, S.; KEEFE, F. J.; MOGIL, J. S.; RINGKAMP, M.; SLUKA, K. A.; SONG, X.-J.; STEVENS, B.; SULLIVAN, M. D.; TUTELMAN, P. R.; USHIDA, T.; VADER, K. The revised International Association for the Study of Pain definition of pain: concepts, challenges, and compromises. **The Journal International Association for the Study of Pain**. 2020. DOI: 10.1097/j.pain.0000000000001939 Disponível em: [https://journals.lww.com/pain/abstract/2020/09000/the\\_revised\\_international\\_association\\_for\\_the.6.aspx](https://journals.lww.com/pain/abstract/2020/09000/the_revised_international_association_for_the.6.aspx) Acesso em: 23/08/2025.

SHALIMAR, F.S.; ROLIM, K.M.C.; ALBUQUERQUE, F.H.S.; SANTOS, M.S.N.; PINHEIRO, M.C.D.; FROTA, M.B. Intervenções não farmacológicas no controle da dor em recém-nascidos pré-termo: conhecimento da equipe de enfermagem. **Revista Nursing**. 2021; 24 (278): 5892-5896. DOI:

<https://doi.org/10.36489/nursing.2021v24i278p5892-5901> Disponível em:  
<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1343019> Acesso em: 23/08/2025.

SILVA, E.L.D.; SOUZA, F.M.L.C.; BRITO, J.S.; MEDEIROS, J.A.; ARAÚJO, M.J.S.R.; SILVA, M.L.P.; ABREU, N.R.F.O.; SILVA, S.M.S. Manejo da dor neonatal: percepção da enfermagem sobre a utilização dos métodos não farmacológicos. **Rev. Enferm. Atual In Derme**; 98(3)jul.-set. 2024. DOI: <https://doi.org/10.31011/reaid-2024-v.98-n.3-art.1934> Disponível em:  
<https://pesquisa.bvsalud.org/enfermeria/resource/pt/biblio-1588538> Acesso em: 01/10/2025.

SOUSA, V.O.; BELEZA, A.P.M.; SOUZA, L.G.B.; SOUZA, R.L.U.; FONSECA, I.A.C. Implantação da escala para avaliação da dor em uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) Pública. **Acervo Saúde**, v. 16, e8451, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e8451.2021> Disponível em:  
<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/8451/5231>. Acesso em: 01/10/2025.

SOUZA, D.; MONTEIRO, C.; ROSSATO, L.. Manejo da dor em neonatos hospitalizados: recomendações para alcançar os objetivos de desenvolvimento sustentável. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2024;77(Suppl 2):e20230421. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2023-0421pt>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/McZZJgscQWnxgpprHSPzq5s/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 29/08/2025.

TRAVASSOS, G.M.G.; PEREZ, A.G.R; MEIRELES, D.O; ANTUNES, I.A.G; CUNHA, L.P.V; LIMA, R.F.S. Estratégias para controle da dor em neonatos prematuros na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE**, v. 16, e16983, 2024. DOI: [doi.org/10.51891/rease.v10i11.16983](https://doi.org/10.51891/rease.v10i11.16983) Disponível em:  
<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/16983/9566>. Acesso em: 27/08/2025.

VALETE, C. O. S.; MONTENEGRO, C. P.; FERREIRA, E. A. L. Conhecimento dos profissionais de saúde sobre o manejo não farmacológico da dor neonatal em um alojamento conjunto no Brasil: estudo tipo survey com análise fatorial. **Brazilian Journal Of Pain**. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/2595-0118.20240025-pt> Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/brjp/a/cyPWvSy6WVxzwXJHvqkfVBr/?lang=pt> Acesso em: 01/10/2025.

FRAZÃO, J.M.; BOULHOSA, F.J.S.; REIS, G.R.; FRAZÃO, J.M.; GONÇALVES, T.F. A utilização da Neonatal Infant Pain Scale para avaliar a dor na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal: Revisão integrativa da literatura. **Research, Society and Development**, v. 12, e43861, 2023.

DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i12.43861> Disponível em:  
<https://rsdjournal.org/rsd/article/view/43861/35278>. Acesso em: 13/09/2025.

NEPOMUCENO, P.M.; DIAS, J.S.; SILVA, T.M.C.; ARAÚJA, I.S.; TAVEIRA, L.M. Desafios da enfermagem no manejo da dor em recém-nascidos na unidade de terapia intensiva neonatal. **Journal of Research and Graduate**, v. 4, e434, 2022. DOI:10.5281/zenodo.7372846 Disponível em:  
<https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/434/503>. Acesso em: 13/09/2025.

VARGAS, L. R. O profissional de enfermagem frente ao manejo da dor em recém-nascidos internados em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. 2022. - **Centro Universitário São Lucas, Porto Velho**,

2022. Disponível em:  
[https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/59045/1/LUCIANA\\_RODRIGUES\\_VARGAS.pdf](https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/59045/1/LUCIANA_RODRIGUES_VARGAS.pdf). Acesso em: 13/09/2025.

MAZIERO, E.C.S.; CRUZ, E.D.A.; BATISTA, J.; ALPENDRE, F.T.; BRANDÃO, M.B.; KRAINSKI, E.T. Associação entre qualificação profissional e eventos adversos em unidades de tratamento intensivo neonatal e pediátrico. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 42, e20200238, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20210025>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/Khjp38MbMHgHWHmGQj8rFsb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23/08/2025.

PRAZERES, L.E.V.; FERREIRA, M.N.G.P.; RIBEIRO, M.A.; BARROS, B.T.D.; BARROS, R.L.M.; RAMOS, C.S.; LIMA, T.F.S.; OLIVEIRA, V.M.L.P.; ANDRADE, J.M.G.; CAMPOS, J.E.R.; MARTINS, A.L.; VALE, K.M.; PAULA, M.C.; SANTOS, L.S.C. Atuação do enfermeiro nos cuidados em Unidades de Terapia Intensiva Neonatal: **Revisão integrativa da literatura. Research, Society and Development**, v. 9, e14588, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i6.14588>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/14588/13802>. Acesso em: 23/08/2025.

LIGHTFOOT, C. J.; WILKINSON, T. J.; SMITH, A. C. Manejo não farmacológico da doença renal crônica. **Journal of Kidney Care**, v. 32, n. 4, p. 289-295, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.mpmed.2022.12.004>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S135730392200322X>. Acesso em: 23/08/2025.